ARTE DO OCIDENTE EUROPEU

Table of Contents

[Competências 4](#_Toc315943938)

[Arte da Alta Idade Média 4](#_Toc315943939)

[Arte Carolíngia 4](#_Toc315943940)

[Arte Otoniana 5](#_Toc315943941)

[Idade Média 5](#_Toc315943942)

[A Arte Românica 6](#_Toc315943943)

[As primeiras manifestações do estilo românico 6](#_Toc315943944)

[O românico pleno 6](#_Toc315943945)

[Variantes regionais do estilo românico. 6](#_Toc315943946)

[O significado paradoxal do românico 7](#_Toc315943947)

[Arte Gótica 7](#_Toc315943948)

[O Gótico inicial em França 7](#_Toc315943949)

[A arte do gótico pleno em França 7](#_Toc315943950)

[O estilo radiante ou cortês 8](#_Toc315943951)

[A arte do gótico tardio em França 8](#_Toc315943952)

[A disseminação da arte Gótica 8](#_Toc315943953)

[A arte italiana dos séculos XIII e XIV 8](#_Toc315943954)

[A arquitectura sacra e o crescimento das ordens mendicantes 9](#_Toc315943955)

[A pintura na Toscânia 9](#_Toc315943956)

[Norte da Itália 9](#_Toc315943957)

[As Inovações artísticas no séc. XV no Norte da Europa 10](#_Toc315943958)

[A arte cortês: O estilo internacional 10](#_Toc315943959)

[Os centros urbanos e a nova arte 11](#_Toc315943960)

[Arte no final do séc. XV nos Países Baixos 11](#_Toc315943961)

[As respostas regionais ao estilo dos primitivos flamengos 11](#_Toc315943962)

[Imprensa e artes gráficas 11](#_Toc315943963)

[Idade Moderna 13](#_Toc315943964)

[O primeiro Renascimento na Itália do Século XV 14](#_Toc315943965)

[A inspiração clássica na arquitectura e na escultura monumental 15](#_Toc315943966)

[O Alto Renascimento em Itália, 1495-1520 15](#_Toc315943967)

[O Renascimento Tardio e o Maneirismo em Itália no séc. XVI 16](#_Toc315943968)

[A Reforma de Roma 16](#_Toc315943969)

[O Renascimento e a Reforma na Europa do séc. XVI 16](#_Toc315943970)

[Europa Central: A Reforma e a Arte 17](#_Toc315943971)

[O Barroco em Itália e em Espanha 17](#_Toc315943972)

[O Barroco nos países Baixos 18](#_Toc315943973)

[O Barroco em Inglaterra e em França 18](#_Toc315943974)

[Idade Contemporânea 20](#_Toc315943975)

[Violín y uvas 21](#_Toc315943976)

[Cubismo 21](#_Toc315943977)

[O cubismo evoluiu em três grandes fases: 22](#_Toc315943978)

[1ª Cézanniana 1907-1909 22](#_Toc315943979)

[2ª Analítica (ou hermética) 1909-1912 22](#_Toc315943980)

[3ª Sintética 1913-1914 22](#_Toc315943981)

[Alguns artistas realistas, impressionistas e o pontilhismo 23](#_Toc315943982)

[Bibliografia 26](#_Toc315943983)

# Competências

* Ler e interpretar o monumento ou o objecto artístico, situando-o no espaço e no tempo;
* Reconhecer as principais tendências artísticas verificadas no Ocidente Europeu entre os séculos XII a XX;
* Caracterizar a obra de arte de cada um dos períodos artísticos na sua dimensão histórica e estética.

# Arte da Alta Idade Média

A Europa Ocidental albergou diversas culturas após a Queda de Roma. Nessa época, as migrações e invasões eram comuns e era frequente que os vários grupos se defrontassem e misturassem entre si. Esta miscigenação cultural desenrolou-se sob o manto das tradições romanas, de que, o Cristianismo fazia parte. Com o passar do tempo, a Igreja Católica evolui para uma importante força de unificação europeia, e líderes políticos fortes levaram a uma sucessão de dinastias reinantes, incluindo a Carolíngia e a Otoniana. A arte que resultou destes intercâmbios culturais dos inícios da Idade Média é uma arte expressiva e variada. Os artistas criaram objectos em metal de execução o intrincada e sumptuosa, construíram e ornamentaram igrejas e estruturas monásticas, e produziram livros profusamente decorados.

## Arte Carolíngia

Um novo império surgiu na Europa em finas de 700. Fundado por Carlos Magno, o Império Carolíngio viria a unificar territórios que vão do mar do Norte a Espanha e ao Norte e Itália. Os artistas que trabalharam para Carlos Magno e seus sucessores durante o período carolíngio combinaram a sua admiração pela Antiguidade Clássica com características naturais do Norte da Europa. As obras de grande qualidade desse período incluem esculturas em bronze e livros iluminados. Um aumento na retomada de projectos arquitectónicos em reposição – incluindo o palácio imperial em Aachen e a Igreja abacial de Saint-Riquier – também reflecte a segurança e a prosperidade da época.

## Arte Otoniana

Após a morte do último dos soberanos carolíngios, os reis germânicos de ascendência saxónica consolidaram o seu poder político na parte oriental do império. Estes governantes repeliram invasores, estabeleceram com eficiência um governo central e, deram início a uma nova dinastia: a dinastia Otoniana, que tinha como uma das suas preocupações fundamentais a reforma da Igreja. Alguns dos impressionantes programas de construção monumental da época incluem a igreja da abadia beneditina de S. Miguel em Hildesheim. Os artistas otonianos produziram marfins e manuscritos que conjugavam elementos do estilo carolíngio com outros do período bizantino, e manifestaram também um interesse crescente pela escultura de grande escala.

# Idade Média



O Tema 1 - IDADE MÉDIA encontra-se dividido em dois sub-temas:

1. A génese da arte ocidental;
2. Corte, igreja e cidades;

Entendimento da arte medieval como a base cultural e estética do ocidente europeu.

Caracterização genérica dos estilos românico e gótico, enquadrada pela importância crescente das cortes europeias, das cidades e das dioceses e mosteiros.

**Indicações bibliográficas:**

E. GOMBRICH, A História da Arte, Lisboa, Ed. Público, 2005. Capítulos 9, 10 e 11

H.W.JANSON, História da Arte, Lisboa, FCG, 4ª ed., 1989, pp. 278-330

## A Arte Românica

Grande parte da arte europeia ocidental dos séculos XI e XII é identificada como românica, um termo que significa “à maneira romana”, embora os arquitectos e artistas românicos tenham sido também influenciados pelas tradições carolíngias, bizantinas, islâmicas e outras. O crescimento populacional, o aumento da actividade comercial e das viagens e os novos centros urbanos contribuíram para estimular a construção de edifícios, na sua grande maioria para uso cristão. Com efeito, as estruturas monumentais do período – construções cobertas por abóbodas de pedra e ornamentadas por escultura monumental – foram construídas uma escala que rivaliza com as grandes realizações de Roma.

### As primeiras manifestações do estilo românico

A arte românica surgiu numa época em que no Continente não havia qualquer autoridade centralizada, e existiu numa variedade de estilos regionais intimamente ligados entre si. As suas primeiras manifestações ocorreram em regiões de Itália, França e Espanha. Um excelente exemplo da arquitectura românica inicial é a igreja de S. Vicente de Cardona, em Espanha, que apresenta um domínio magistral da técnica de abobadamento. A escultura figurativa – tal como o lintel de mármore em Saint-Genis-des-Fontaines, em França – é também um feito significativo do período.

### O românico pleno

Os edifícios no estilo românico pleno – como a Catedral de Santiago de Compostela e o priorado de Saint-Pierre em Moisssac, na França, - fizeram maior uso de esculturas e de técnicas mais sofisticadas de abobadamento. À medida que o estilo românico amadurecia e se desenvolvia, foi-se espalhando por toda a Europa. Os conceitos estéticos empregues pelos seus construtores e escultores são também visíveis nos manuscritos, no trabalho em metal e nas pinturas murais do período, incluindo as pinturas da igreja de Saint-Savin-sur-Gartemps.

### Variantes regionais do estilo românico.

A variedade regional na arte românica é espelho das condições políticas de um continente governado por aliança feudal de razoável flexibilidade de príncipes e duques. Regiões diferentes tiveram fontes artísticas diferentes ao seu dispor, e abordagens distintas fizeram a sua aparição em partes de França, Alemanha, Itália e Inglaterra. Entre os exemplos incluem-se a Catedral de Pisa, a Catedral de Speyer, na Alemanha, A famosa *tapeçaria de Bayeux* é um bom exemplo da complexidade das relações entre a arte inglesa e normanda desse período.

### O significado paradoxal do românico

As estruturas seguras construídas por toda a Europa ocidental durante o período românico reflectem a melhoria nas condições económicas e a estabilidade política. Porém, a natureza defensiva da arquitectura – bem como as visões terríficas patentes em manuscritos iluminados da época – também é sinal das ansiedades latentes na sociedade, bem como de uma necessidade subjacente de protecção.

## Arte Gótica

O estilo gótico despontou nos arredores de Paris em meados da centúria de 1100. Passados cem anos, a maior parte da Europa adaptara já esse estilo. O aumento geral da população, a expansão dos centros urbanos e a crescente importância das catedrais, são características do período gótico. Os príncipes e reis europeus conquistaram territórios cada vez maiores, e disputas de tronos conduziriam a uma série de longas batalhas entre a França e a Inglaterra conhecidas como a Guerra dos Cem Anos. EM algumas áreas da Europa, estas guerras interromperam a evolução artística. Por volta de 1400, a área de influência do gótico começou a diminuir, e em meados do séc. XVI, já havia desaparecido quase por completo, excepto em Inglaterra.

### O Gótico inicial em França

A arquitectura desempenhou um papel preponderante na formação de um estilo gótico coerente, e é por essa razão que o nosso estudo principia com uma análise da Igreja da Abadia de Saint-Denis. Construída nos arredores de Paris na primeira metade do séc. XII, as graciosas formas arquitectónicas e as grandes janelas formam um contraste com a solidez maciça do estilo românico. A planta compacta e unificada da Catedral de Notre-Dame, de Paris, é outro exemplo importante do estilo gótico inicial

### A arte do gótico pleno em França

A estabilidade económica e política de França no decorrer do séc. XIII constitui um clima ideal para a produção de arquitectura monumental com formidáveis programas escultóricos. A reconstrução da Catedral de Chartres, depois de um incêndio, assinala um passo crucial no desenvolvimento da arquitectura gótica. As Catedrais francesas de Amiens e Reims – com a sua ênfase na verticalidade e na transparência – são também exemplos significativos do Gótico Pleno

### O estilo radiante ou cortês

A importância crescente da monarquia francesa e da cidade de Paris reflectiram-se na capela real do rei Luís IX, a Saint Chapelle. Esta fase da arte gótica é conhecida por radiante, da palavra francesa *rayonnant* que significa “que irradia luz”. O estil, estreitamente associado à corte francesa, disseminou-se por todos os domínios reais e finalmente por toda a parte da Europa. Destacam-se as relações entre as artes da construção e as elaboradas obras devocionais como as *Bíblias* moralizadas.

### A arte do gótico tardio em França

Durante o período do *Gótico Tardio*, os artistas sentiram liberdade para se desviarem de padrões anteriores de desenvolvimento. Os construtores recorreram a intricados arranjos para criarem realizações virtuais de grande de complexidade, como podemos ver pelas curvas ondulantes do estilo *Flamejante*, A pintura do *Gótico Tardio* – como o livro de horas criado para Jeanne d’Évraux por Jean Pucelle – é sinal de um novo interesse pela profundidade na representação espacial; na escultura predominam as figuras autónomas.

### A disseminação da arte Gótica

O estilo régio francês da região de Paris foi recebido no estrangeiro com grande entusiasmo, sofrendo variadas adaptações em obediência às condições locais. A sua influência na Inglaterra pode ser vista nas catedrais construídas em Salisbúria e noutros locais assim como no Saltério da Rainha Maria. Na Alemanha, a sua influência é testemunhada pelas esculturas feitas para a Catedral de Namburg e na Pità de Roettgen. Por seu turno, a Catedral de Santa Maria de Léon é um bom exemplo da importância do Gótico Pleno Francês para a Espanha.

## A arte italiana dos séculos XIII e XIV

A arte italiana dos séculos XIII e XIV teve raízes tanto nas formas bizantinas como nos contactos dos artistas italianos com os seus antecessores romanos e paleocristãos. Foi, com frequência, produto de encomendas de comunidades mercantis e de patriarcados urbanos e não tanto de grandes patronos aristocráticos. A actividade das ordens mendicantes inspirou uma nova espiritualidade nestes centros urbanos; os sermões vivos e estimulantes acompanhavam encomendas de imagens narrativas para falar mais directamente a uma audiência laica.

### A arquitectura sacra e o crescimento das ordens mendicantes

Um dos produtos da prédica das ordens mendicantes foi a construção de grandes igrejas urbanas em que se pudessem ouvir sermões. Estas estruturas beneficiaram das inovações introduzidas pelo Gótico do Norte da Europa que possibilitaram a construção de grandes espaços interiores e proporções elevadas, mas obedeceram às preferências locais por coberturas de madeira, pela solidez de superfícies parietais e por fachadas sem torres. No interior dessas igrejas, formas escultóricas intensificavam a experiência dos crentes com a representação directa e legível de histórias sagradas. Sobre os púlpitos e os portais, os escultores italianos executaram cenas narrativas inspiradas na arte romana ou nos estilos góticos setentrionais. Inspirado pelas ideias mendicantes, criaram imagens memoráveis de figuras sagradas em situações humanas, para estimular a devoção dos habitantes urbanos.

### A pintura na Toscânia

Para esta mesma audiência os pintores desenvolveram novas técnicas de representação do mundo natural. Começando pelo estudo atento da pintura bizantina, ela própria enraizada nos estilos da Antiguidade, os pintores italianos dos séculos XIII e XIV exploraram a criação de imagens mais próximas da natureza do que a arte medieval havia feito anteriormente. Esta geração de artistas explorou técnicas para a representação consistente da incidência da luz sobre formas tridimensionais e para a criação de ilusões espaciais no interior das suas figuras. Estas técnicas foram utilizadas para realçar o impacto espiritual das figuras sagradas por eles pintadas e para aumentar a eficácia das narrativas sacras. As inovações introduzidas pelos pintores do séc. XIV, como Giotto e Duccio, criaram uma nova linguagem visual naturalista, a que artistas por toda a Europa poderiam doravante recorrer.

### Norte da Itália

Os centros do Norte da Itália de Veneza e de Milão desenvolveram formas individualizadas da arte gótica. A situação política de Veneza e os seus laços comerciais com o Extremo e Médio Oriente trouxeram à cidade o gosto pelas formas arquitectónicas com superfícies sumptuosas e arcadas abertas. Governada por uma dinastia ambiciosa, Milão assemelhou-se mais ao Norte da Europa e a sua catedral reflecte o íntimo estudo da arquitectura do gótico francês mais do que qualquer outra igreja da época em Itália, tal como as encomendas artísticas dos seus governantes seguiram o gosto da aristocracia francesa.

## As Inovações artísticas no séc. XV no Norte da Europa

Em 1400, a maior parte das grandes catedrais do período Gótico – fruto dos esforços conjuntos de homens da igreja, dos governantes e das comunidades laicas – estava concluída. Monumentos à fé cristã. Elas são exemplos da visão do mundo medieval e também grandes monumentos às cidades em que as grandes mudanças sociais e económicas haveriam de lançar o mundo moderno. Em finais do séc. XIV, a economia agrária dava lugar a uma economia baseada na manufactura e no comércio, actividades próprias dos centros urbanos, no que foi seguida por mudanças sociais de relevo.

**Resumo**

Apesar de profundamente devedora do seu passado artístico, a arte na Europa do Norte, apresenta diferenças consideráveis da arte dos séculos anteriores. A partir das formas góticas subsistentes, favorecidas pelo gosto dos aristocratas pelos seus livros e pelos objectos preciosos desenvolveu-se uma nova forma artística assente num novo meio: a pintura a óleo. O carácter excepcional das pinturas de Robert Champin, Jan van Eyck e Rogier van der Weyden não se deve ao preço das matérias-primas utilizadas, mas sim ao apuro técnico com que cada pintor registou o mundo natural, com o objectivo de intensificar a experiência pessoal do observador. A revolução nas artes visuais, de que estes artistas foram os primeiros, alastrou a todo o Norte da Europa e envolveu a utilização de muitos e diversos meios. Se considerarmos o séc. XV no Norte da Europa como um período de grande florescimento artístico e cultural, de profundas implicações futuras, então poderemos chamar a esta era um “renascimento”.

### A arte cortês: O estilo internacional

Formado a partir dos diversos estilos do gótico francês, mas incorporando também aspectos estilísticos de outros pontos da Europa, o Estilo Internacional apelou, principalmente, ao gosto de patronos nas cortes reais. Estes patronos pertencentes à aristocracia encomendaram produtos de sumptuária executados na tradição da arte gótica, mas que eram embelezados com pormenores realistas. Destinados a observadores da elite, estas obras eram, com frequência, de um imaginário complexo e erudito. Os laços internacionais entre os patronos causaram a disseminação do estilo às cortes europeias.

### Os centros urbanos e a nova arte

Por contraste, os artistas dos centros urbanos do Sul dos Países baixos desenvolveram as suas próprias técnicas e estilos para o registo do mundo natural e criaram imagens religiosas dirigidas aos seus comitentes da classe média. Nestas imagens, feitas quase exclusivamente com madeira e tinta a óleo, as figuras sagradas assemelhavam-se a pessoas reais, com corpos com peso e textura, e que exprimiam emoções humanas com grande realismo. Os retratos registaram fielmente as feições dos patronos, e os pormenores dos enquadramentos ou do vestuário contribuíram para o efeito realista destas imagens, ao mesmo tempo que adensavam o seu simbolismo.

### Arte no final do séc. XV nos Países Baixos

O novo estilo de pintura espalhou-se pelos Países Baixos e, por volta de 1500, já causara tremendo impacto sobre artistas de outras áreas, como o manuscrito, a tapeçaria e a escultura. Embora as cortes privilegiassem ainda estas artes de luxo, a pintura foi ganhando estatuto e patrocínios. Os mercadores internacionais compravam pinturas que representavam os patronos em estreito contacto com as figuras sacras, obras que não só expressavam a piedade dos seus patronos mas que também serviam as suas ambições sociais.

### As respostas regionais ao estilo dos primitivos flamengos

Artistas oriundos de outras regiões europeias adaptaram as inovações técnicas e estilísticas aos Países Baixos. A preferência francesa pela ordem geométrica e pela clareza do desenho combinaram-se com este estilo realista e deram origem a imagens sombrias e meditativas, enquanto os artistas espanhóis preferiam imagens mais dramáticas e expressivas. Na Europa Central, os artistas transcendêramos limites do estilo naturalista e situaram episódios das Escrituras em cenários locais específicos, e dessa forma aproximaram ainda mais as lições religiosas do observador.

### Imprensa e artes gráficas

Nascida no Norte da Europa, a nova tecnologia da impressão contribuiu para a divulgação destas variações do realismo dos Países Baixos. As primeiras gravuras e xilogravuras apropriaram-se dos motivos e das composições de pintores, que eram traduzidas em elementos estritamente lineares. No final do século, porém, os gravadores executavam já composições originais com grande perícia técnica, que rivalizavam com o realismos das pinturas a óleo.

# Idade Moderna



O Tema 2 - IDADE MODERNA encontra-se dividido em três sub-temas:

1. Realidade e harmonia;
2. Tradição e inovação;
3. O triunfo do Classicismo.

Entendimento da arte moderna como a evolução natural da cultura e estética do ocidente europeu que culmina no triunfo do Classicismo.

Caracterização genérica Renascimento, Maneirismo e Barroco, enquadrada pela importância crescente das cortes europeias, agora poderosos Reinos, das cidades e das economias-mundo assentes no comércio atlântico, sem esquecer uma Igreja em conflito permanente entre os séculos XVI e XVII, será o motivo central ao longo da temática.

**Indicações bibliográficas:**

E. GOMBRICH, A História da Arte, Lisboa, Ed. Público, 2005, cap. 15, 18 a 23.

H.W.JANSON, História da Arte, Lisboa, FCG, 4ª ed., 1989, pp. 436-563.

## O primeiro Renascimento na Itália do Século XV

Os intelectuais italianos do séc. XV viam-se como cidadãos de uma nova *era*, profundamente clivada do seu passado recente. Esta nova consciência de diferença histórica separa os pensadores do séc. XV e XVI dos seus antecessores medievais. Ao desvalorizarem o mundo pós-romano, ou medieval, e ao desejarem reviver os melhores aspectos da Antiguidade, ou seja, da cultura romana e grega, estes intelectuais quiseram melhorar a sua cultura. Os seus esforços, que se iniciaram na Itália do séc. XV. Desencadearam um florescimento cultural de grande importância para o futuro da Europa.

**Resumo**

O mundo conheceu grandes mudanças durante o séc. XV. O advento da imprensa ajudou a divulgar o novo saber humanista e permitiu que filósofos e cientistas desenvolvessem a sabedoria dos seus antecessores, de formas novas e poderosas. O bloqueio das rotas do Mediterrâneo pelas conquistas turcas, a leste, levou a que países como Portugal e Espanha, a partir do seu litoral Atlântico, procurassem novas rotas comerciais com a Ásia, desembocando nas viagens de circum-navegação da África e de descoberta das Américas. O cisma papal e as personalidades mundanas dos papas do séc. XV incrementaram o afastamento da cultura face às instituições religiosas e a sua subsequente secularização. A competição e o comércio espalharam uma economia que, assente no capital e na moeda, mudou por completo o rosto da sociedade, ao permitir a expansão e o fortalecimento da classe média.

Os artistas italianos do séc. XV participaram na mudança desenvolvendo novos meios de representação, iniciados com o estudo do passado clássico romano e da sua arte. Escultores, pintores e arquitectos criaram obras de arte em que deram conteúdos contemporâneos a formas da Antiguidade. Sob a influência dos Antigos e dos seus contemporâneos humanistas, estes artistas escreveram tratados teóricos de grande erudição e elevaram, assim, o estatuto social das artes no seio das suas culturas. Os sistemas que criaram para a representação do mundo através da perspectiva, do naturalismo e da forma humana tornaram-se normativos, não só para as suas práticas, mas também para a maioria dos europeus nos séculos seguintes. O Primeiro Renascimento revolucionou profundamente a visão da arte e do trabalho dos artistas.

### A inspiração clássica na arquitectura e na escultura monumental

A cidade de Florença deu grande valor à encomenda de edifícios públicos e ao seu embelezamento com obras de arte de grande significado. A emulação entre artistas e clientes foi responsável pela produção de uma série de monumentos impressionantes e inovadores, muitos dos quais inspirados pelo estudo da arte da Antiguidade Clássica. Ao combinar o estudo dos edifícios romanos com as técnicas de construção góticas, a arquitectura classicizante de Brunelleschi transformou o rosto da cidade. A sua arquitectura usa formas romanas, organizadas segundo as leis da geometria e das proporções, para criar espaços harmoniosos e racionais. De forma semelhante o jovem Donatello inspirou-se, não só no naturalismo das obras da Antiguidade, mas também no seu sentido de dignidade e no potencial de movimento.

## O Alto Renascimento em Itália, 1495-1520

**Resumo**

Durante um curto período de tempo nos inícios do séc. XVI, artistas de grande técnica e visão não só coexistiram como também competiram entre si, tentando exceder-se nas respectivas artes. Este período, chamado Alto Renascimento, tem sido considerado como a marca de água da arte europeia. A mente inquiridora de Leonardo da Vinci, bem como o seu uso da luz; a fusão ambiciosa por Bramante das formas arquitecturais da Antiguidade com as funções modernas; as poderosas representações do corpo humano por Miguel Ângelo; as inexcedíveis composições de Rafael; a sensibilidade de Giorgione na captação de atmosferas; e a forma brilhante como Ticiano tratou a cor; todas estas inovações têm sido louvadas desde então.

A actividade destes artistas desenvolveu-se num período tumultuoso de intensa criatividade, apoiada por alguns mecenas fundamentais. O desaparecimento destes últimos e a morte, ou dispersão geográfica, dos artistas fez com que a competição perdesse a intensidade. Por volta de 1520, Leonardo, Bramante, Giorgione e Rafael tinham morrido. O generoso mecenato da Igreja Católica diminui quando a instituição se viu ameaçada pelo jovem Martinho Lutero em Witenberg, à medida que a Reforma ganhava força e influência. Os dois únicos artistas que assistiram ao final do Alto Renascimento, Miguel Ângelo e Ticiano, adaptaram-se à mudança de condições e mantiveram-se activos após 1520.

## O Renascimento Tardio e o Maneirismo em Itália no séc. XVI

**Resumo**

No final do séc. XVI, o poder de príncipes e papas impôs-se às cidades de Itália, outrora independentes. As cortes continuaram a ser os principais mecenas das artes, e príncipes e duques manifestaram um gosto especial por obras de grande erudição, complexidade e fina execução. A esta tendência tem sido colada a etiqueta de “Maneirismo”, posto que dependia, em grande parte, da alta qualidade, ou “maneira”, de um artista virtuoso. Para esses artistas, o tema ou a função do objecto importava menos do que a qualidade posta na sua execução.

### A Reforma de Roma

As imagens elaboradas, muitas vezes eróticas e mundanas, feitas para os príncipes colidiram com os apelos à renovação espiritual e moral da Igreja Católica. O desafio constituído pela Reforma e o choque causado pelo Saque de Roma, em 1527,, encorajaram os papas a alargarem a autoridade espiritual e temporal, com obras no Vaticano e no centro da cidade. Miguel Ângelo é a figura-chave da Roma do séc. XVI, na pintura, na escultura e na arquitectura. As suas obras fundavam-se na reverência dos Antigos, cujo vocabulário manuseava com grande familiaridade. A Contra-Reforma inspirou a criação de novas ordens religiosas, tais como a dos Jesuítas, que encomendaram a construção de grandes basílicas, que substituíram as igrejas renascentistas do primeiro Renascimento de planta centralizada.

## O Renascimento e a Reforma na Europa do séc. XVI

No Norte da Europa, o séc. XVI trouxe consigo o desmoronar das certezas tradicionais, bem como o aparecimento de novidades e inovações em praticamente todos os campos da actividade humana. Os Descobrimentos iluminavam porções cada vez maiores do *mapa mundi,* e abriam novos territórios à exploração e à colonização, nos continentes asiático e americano. Desafios e fracturas abalaram a ordem católica instalada. As fronteiras entre países foram redefinidas, dando origem à formação de novas nações. Cientistas e humanistas conceberam uma nova ideia de universo e do lugar nele ocupado pelo homem. As formas tradicionais de riqueza, enraizadas na terra, foram substituídas pelas economias capitalistas. Pela sua parte, os artistas visuais sentiram necessidade de reagir à nova linguagem artística que se desenvolvia ao sul dos Alpes, na península itálica.

### Europa Central: A Reforma e a Arte

A Reforma Protestante teve um profundo impacto sobre a arte na Europa germanófila. A antipatia que algumas vertentes do protestantismo nutriam pelas imagens desembocou nu movimento conhecido como iconoclastia e na redução de encomendas de obras de arte sacra. Nos locais que permaneceram fiéis ao catolicismo, os artistas executaram imagens religiosas influenciadas pelas tradições setentrionais realistas, mas também informadas pela arte italiana. Durer destaca-se como o maior artista alemão do Renascimento, pela poderosa fusão das duas influências, pela sua dedicação ao ideal do artista como intelectual e pela mestria que demonstrou na feitura de gravuras, um médium muito popular no seu tempo, que foram instrumentos de disseminação da influência do artista alemão por toda a Europa. Além disso, as gravuras auxiliaram grandemente a divulgação das ideias reformistas. Privados das encomendas da igreja os artistas especializaram-se em temas seculares, como paisagens, temas da mitologia clássica e retratos.

## O Barroco em Itália e em Espanha

O desejo de influenciar estado emocionais, apelando aos sentidos do observador, e de persuadir, por vezes de forma teatral. São características inelutáveis da arte barroca, que foi uma arte de imponência, de grande riqueza sensual, exuberância, tensão e movimento e que logrou, com êxito, unificar as várias artes num mesmo espaço.

A natureza expansiva e expressiva do Barroco ocorre em paralelo com a expansão territorial da influência europeia – em termos de geografia, política e religião – ocorrida durante todo o séc. XVII.

Em estilo e em espírito o Barroco teve um alcance global.

O Barroco já foi chamado um estilo de persuasão, útil à Igreja Católica na comunicação com os fiéis e na divulgação do espírito da Contra-Reforma. Se no séc. XVI a Igreja tentou travar o alastramento do Protestantismo na Europa, no séc. XVII declarou a missão coroada de êxito e entregou-se à celebração do triunfo.

Em contraste com as figuras devotas, os novos príncipes da Igreja foram mecenas vigorosos que promoveram as artes não só para glória da Igreja como também para assegurar a fama póstuma das suas próprias famílias.

A acção combinada da paixão, do intelecto e da espiritualidade poderá ser vista como a inauguração de um diálogo que ainda não encontrou conclusão.

**Resumo:**

O Barroco, o teatral estilo que influenciou todo o séc. XVII, teve início em Itália e alastrou por toda a Europa, levado pelas viagens de artistas e patronos. Estilo de grande movimento e impacto emocional, adequou-se às necessidades da Contra-Reforma, para proclamar a supremacia da Igreja Católica sobre o Protestantismo. Os seus efeitos manifestaram-se na pintura, na escultura, na arquitectura, nas artes menores e nas complexas ornamentações da época.

Este período assinala também a colonização das Américas e do Oriente pelos diferentes reinos e ordens religiosas que exploraram estes territórios no decorrer do séc. XVI e que neles se estabeleceram no seguinte. Neste período, conhecido como Idade Moderna. As questões de classe, género, ciência, medicina, exotismo tornaram-se centrais na vida e na arte.

## O Barroco nos países Baixos

No séc. XVII, o Sul da Holanda (Flandres) e o Norte (que viria a constituir a República Holandesa, muitas vezes chamada Holanda) separaram-se divididos por religião e governo; o mecenato artístico nas duas regiões seguiu, da mesma maneira, caminhos diversos. A Flandres, sob domínio espanhol, era católica, e a República Holandesa pertencia, predominantemente, à Igreja Reformada. Assim, os retábulos católicos, financiados por grandes encomendas, eram executados na Flandres, enquanto a pintura de género, as naturezas-mortas e a paisagem, embora também fossem pintadas na Flandres, eram os temas dominantes na arte holandesa. Tanto a Flandres como a Holanda produziram grandes quantidades de retratos – os retratos colectivos da Guarda Cívica tornaram-se na imagem de marca da Holanda. Os artistas viajavam, com frequência, entre as duas regiões.

## O Barroco em Inglaterra e em França

No início do séc. XVII, as grandes monarquias de França e Inglaterra debatiam-se com crises aparentemente infindas. No turbilhão político, social e religioso que afectou as duas nações, cada soberano tentou, sucessivamente, consolidar o poder e centralizar a administração, pelo que, tanto na monarquia constitucional inglesa como no absolutismo francês, a coroa tinha a supremacia. Porém, a sociedade civil atravessava profundas mutações e, apesar da riqueza crescente da burguesia – associada a um sistema mercantil emergente, à expansão das rotas comerciais e a impérios coloniais muito lucrativos -, as populações viviam na miséria. Esmagadas pelo constante aumento dos impostos e sem qualquer possibilidade de intervir no sistema político, o campesinato europeu tomava, a pouco e pouco, consciência da sua incapacidade de influir no governo por outros meios que não o da revolta violenta. Ao mesmo tempo, a nobreza tinha as suas próprias queixas contra a autoridade centralizada, que lhe cerceava o poder e privilégios.

Para lidarem com este cenário de tensão, os monarcas europeus invocaram o direito divino da realeza, recorrendo às obras de arte para reforço visual do seu poder e prestigio. As cortes reais da França e da Inglaterra transformaram-se nos mais importantes patronos das artes. A grandiosidade da arte e da arquitectura do Barroco é símbolo, não só da importância do estilo mas também do orgulho e da glória nacionais. O Classicismo, com as suas referências à tradição e à supremacia da Grécia e Roma antigas, foi escolhido pelas cortes e definiu o gosto durante este período tumultuoso.

# Idade Contemporânea



O **Tema 3 - IDADE CONTEMPORÂNEA** encontra-se dividido em dois sub-temas:

1. os sinais da ruptura;
2. os novos padrões.

Entendimento da arte da idade contemporânea como a expressão das novas tendências artísticas e culturais dos séculos XIX e XX.

Caracterização genérica do:

* Romantismo,
* Neoclassicismo,
* Realismo
* Impressionismo,

Sem esquecer o **Modernismo** nas suas variadas vertentes (arquitectura, escultura, pintura, design...), enquadrada pelo ambiente histórico de carácter político e social das décadas de Oitocentos e Novecentos.

**Indicações bibliográficas:**

E. GOMBRICH, A História da Arte, Lisboa, Ed. Público, 2005 [caps. 24 a 27]

H.W.JANSON, *História da Arte*, Lisboa, FCG, 4ª ed., 1989. (capítulos referentes ao fim da Revolução Francesa até ao Modernismo)

Violín y uvas, ‘Violin and grapes’ in English, is a Picasso’s painting. It’s in the Museum of Modern Art of New York (MoMA) like his other well-known painting, *Las señoritas de Avignon.* Both paintings are examples of **cubist movement**. I like this **picture** because I liked very much to understand why Picasso and other cubist painters draw these strange paintings.

Everything began when the photography became more usual in our society, at the end of the 19th century. Then **realist art** started to be no so necessary and practical. The cubist painters didn’t try to represent that you see when you open your eyes. They try to ‘build’ a new painting, no copy the reality, like the painters of the previous centuries. Picasso found a new way to represent the reality: If you see the picture, you won’t see the whole violin: You will see parts of the instrument, and each part represent different points of view of the violin; you can see some things from one side and other things from the front, like you could take it and see different details and characteristic parts of it that make you identify the object. Therefore, cubist painters could only represent simple things, a guitar, a bottle… or in some cases, the human body.  
In spite of this method, when you see the painting you don’t feel that it’s disorganized, it has a really meaning and intention. Here is the genius of Picasso and the cubist painters. It’s a new way to represent volumes in a surface: It isn't better or worse than other **art periods**, it's just a new way; and it had influence over other painters and other arts.

Se enquadra dentro do período do cubismo (que evoluiu em três fases).

A fase da influência do Cézanne é a da obra "as meninas de Avinhão"

No caso da obra "violino e uvas" é a fase analítica (ou hermética):

* motivos desmultiplicados - como se fossem implodidos;
* infinidade de planos geométricos totalmente achatados, confundindo-se com os fundos - bidimensionalidade;
* bicromia e estaticidade.

Cubismo– evolui da pintura Pós-impressionista– considerada a maior revolução artística após o Renascimento.

Os cubistas destroem o espaço tridimensional tradicional e a interpretação volumétrica das formas.

Recebem **duas grandes influências**:

* - **As obras de Cézanne** cuja arte se caracteriza pela análise das formas geométricas e dos planos construídos por meio da cor (pretendia recriar na superfície da tela a harmonia estrutural e formal que encontrava na natureza);
* - **A arte africana** com as suas formas simplificadas, volumétricas e duras (máscaras)

## O cubismo evoluiu em três grandes fases:

1ª Cézanniana 1907-1909 - George **Braque** e **Pablo Picasso:**

**Temática: paisagens e objectos.** Sentem-se reminiscências de Cézanne através da:

- Geometrização das formas;

- Eliminação da profundidade e do claro/escuro;

- Sobreposição dos planos;

 - Grandes planos de cor.

2ª Analítica (ou hermética) 1909-1912- George **Braque** e **Pablo Picasso:**

**Temática: objectos do quotidiano em Natureza Morta.**

**-** Visão simultânea e multifacetada dos vários aspetos do motivo observado (o objecto aparece na tela como que implodido);

- Infinidade de planos geométricos totalmente achatados = bidimensionalidade;

- Bicromia e estaticidade;

- A pintura visava a realização, não a decoração ou a expressão;

- Era como se o artista quisesse inserir no quadro uma nova dimensão: o tempo.

3ª Sintética 1913-1914 – **Juan Gris**:

**Temática: objectos do quotidiano em Natureza Morta:**

**-** Intelectualizou a arte (volta a ser introduzida a emoção através da cor – em oposição à arte intuitiva de Braque e de Picasso)

- As formas geométricas tornam-se mais simples e mais perto da abstracção.

- Provoca uma nova revolução da arte ao introduzir a técnica da colagem.

- A própria definição de “obra de arte” foi colocada em questão.

### Alguns artistas realistas, impressionistas e o pontilhismo

**Dominique Ingres** (1780-1867) admirava a arte heroica da antiguidade clássica. Nos seus ensinamentos insistiu na disciplina de absoluta precisão na classe vital e desprezava as improvisações e a confusão. Mostra a sua mestria na representação de formas e a fria clareza de sua composição, segurança técnica. Utilizava a sua escola cultivando o estilo Grandiloquente.

**Eugéne Delacroix** (1798-1863) pertencia à longa estirpe de grandes revolucionários, não aceitava os padrões da Academia. Não imitava constantemente as estátuas clássicas, acreditava que na pintura, a cor era muito mais importante do que o desenho, a imaginação mais do que o saber. Estava cansado dos lemas eruditos da Academia e foi para o norte de África em 1832 a fim de estudar as cores resplandecentes e as roupagens românticas do mundo árabe. Ao ver uma carga de cavalaria em Tanger, amotou no seu diário: “Desde o começo, os corcéis empinavam-se e lutavam com uma fúria que temi pelos cavaleiros, mas era algo magnifico de pintar…”.

O artista nesse quadro nega os ensinamentos. Falta clareza nos contornos, sem modelação do nu em tons cuidadosamente graduados de luz e sombra, sem pose e comedimento na composição, nem tema patriótico e edificante. Simplesmente partilhou o momento intensamente excitante e a sua alegria no movimento e romantismo da cena. **Realismo.**

**François Millet** (1814-75) decidiu estender o programa das paisagens às figuras. Foi revolucionário, na medida em que pintar por exemplo camponeses era desclassificam-te em estatuto para qualquer pintor, mas nas “respigadeiras”, não existe drama, nem nada a assinalar de monumental, simplesmente são três mulheres na labuta num campo raso onde a colheita se efetua. Não são belas, nem graciosas. Não é uma cena idílica campestre. As camponesas movem-se lenta e pesadamente, absorvidas pelo trabalho, realçadas pelo pintor na compleição robusta e movimentos deliberados. As mulheres trabalham no campo firmes, de contorno simples que contrastam com a paisagem campestre. A naturalidade acaba por imperar e dar uma certa dignidade convincente em vez de uns heróis académicos ali aplicados.

**Gustave Courbet** (1819-77) instala o realismo como discípulo de natureza. Imprime poses graciosas, linhas fluentes, cores impressionantes. O autor queria impressionar com os seus quadros de forma a protestar contra as convenções do seu tempo, chocar a burguesia, para fazê-la sair da sua complacência, e proclamassem o valor da intransigente sinceridade artística contra a manipulação hábil de clichés tradicionais. **Realismo.**

Um grupo de pintores ingleses exaltara os métodos de idealizar a natureza, em que reforçaram o poder da beleza.

A arte tinha de ser reformulada e remontar à época anterior a Rafael, em que os artistas ainda eram artífices sinceros e fiéis à obra de deus, se empenhavam em copiar a natureza, sem glória terrena, mas de deus.

A Irmandade Pré-Rafaelista assim se chamava e onde sobressaiu Rossetti (1828-82) através da simplicidade e sinceridade em comtemplar a antiga história com um novo espírito. Mas a meta era inatingível, visto que uma coisa era admirar a perspetiva ingénua e espontânea dos “primitivos” (como os pintores do séc. XV eram chamados) e outra era um artista esforçar-se por obtê-la. Embora fosse um bom principio, terminava num beco sem saída.

Deste modo as ideias dos pintores franceses era mais esperançosa, já que o progresso na exploração do mundo visível provou ser mais fecunda para a geração seguinte.

**Edouard Manet** (1832-83) provocou uma revolução na reprodução de cores. Na natureza ao ar livre quando vemos objetos individuais, cada um com a sua cor própria, mas uma brilhante mistura de matizes que se combinam em nossos olhos ou, na mente. Os quadros do autor impressionam. Ele explorou o contraste entre luz plena do exterior e a sombra que engole as formas no interior. As formas em movimento, cuja representação de facto não conseguimos visualizar os momentos integrais que são registados na tela, nem o autor se interessa em a efetivar. Podemos sim é focalizar apenas um ponto, tudo o resto será uma amálgama de formas desconexas. Podemos saber o que são mas não as vemos. **Realismo de composição figurativa**.

**Claude Monet** (1840-1926) instigou a abandonar os estúdios e a pintar em frente ao “motivo”. A ideia de que toda a pintura da natureza deve realmente ser terminada in loco, exigiu uma mudança de hábitos e desprezo do conforto, mas resulta um forçar de novos métodos técnicos. A “natureza” ou o “motivo” alteram-se a cada momento que passa. O pintor que espera captar um aspeto em particular, não dispõe de tempo para efetivar o trabalho técnico, ele só tem de fixar imediatamente na tela, em pinceladas rápidas, cuidando menos de detalhes do que do efeito geral do todo. Era essa falta de acabamento, abordagem aparentemente descuidada que enfurecia os críticos.

O impressionismo foi a designação que mais se adaptou, pois estes pintores não trabalhavam uma base sólida de conhecimento e pensavam que a impressão de um momento era suficiente para chamarem aos seus quadros uma pintura.

Renoir -

Degas -

Rodin -

Cézanne -

Van Goh -

Gauguin -

# Bibliografia

**IDADE MÉDIA**

E. GOMBRICH, A História da Arte, Lisboa, Ed. Público, 2005. Capítulos 9, 10 e 11

H.W.JANSON, História da Arte, Lisboa, FCG, 4ª ed., 1989, pp. 278-330

**IDADE MODERNA**

E. GOMBRICH, A História da Arte, Lisboa, Ed. Público, 2005, cap. 15, 18 a 23.

H.W.JANSON, História da Arte, Lisboa, FCG, 4ª ed., 1989, pp. 436-563.

**IDADE CONTEMPORÂNEA**

E. GOMBRICH, A História da Arte, Lisboa, Ed. Público, 2005 [caps. 24 a 27]

H.W.JANSON, *História da Arte*, Lisboa, FCG, 4ª ed., 1989. (capítulos referentes ao fim da Revolução Francesa até ao Modernismo)